

Hospital de Portalegre — Desenho de Nogueira da Silva

Do seculo XII data a instituição dos hospitaes; dispensára-os até áquella epocha a Europa, porque os não exigiam as instituições sociaes que até então predominaram.

Em quanto duas foram, unicamente, as condições de vida, senhor e escravo, a cargo do senhor esteve o curativo dos escravos; mas, depois que os reis deram, pouco a pouco, a liberdade aos povos, reconheceu-se a necessidade de se estabelecer hospitaes, em que os pobres se tratassem em suas enfermidades. [1]

Foi, todavia, nos fins do seculo XV, que em Portugal se radicou e generalisou a instituição d'estes pios estabelecimentos. [2] O veneravel padre fr. Miguel de Contreiras, religioso da ordem da SS. Trindade da Redempção dos Captivos [3], aconselhou a rainha D. Leonor, de quem era confessor, que protegesse a fundação de uma sociedade, cujo compromisso tivesse por base a primeira virtude do christianismo. Acceitou a rainha, de bom grado, o conselho, e em breve

[1] *Tratado da Conservaçao da Saude dos Povos* cap. XVII.

[2] *Memoria sobre os Hospitaes do Reino* por José Joaquim Soares de Barros. — *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. IV.

[3] O veneravel fr. Miguel de Contreiras nasceu em Segovia a 8 de maio de 1431, e professou em Valencia na ordem da SS. Trindade da Redempção dos Captivos. Veiu habitar o convento da sua ordem em Lisboa no anno de 1481. Tomou por officio pedir, de porta em porta, esmola para remir os captivos, curar os enfermos, cumprir finalmente todas as obras de misericordia, que impoz á irmandade que instituira com este titulo, no compromisso que lhe fez. — *Historia Chronologica da ordem da SS. Trindade*, liv. II. cap. XXIII.

a irmandade da Misericordia se erigiu em Lisboa, nos claustros da sé, a 15 de agosto de 1498. [1]

Este instituto, levantado na capital pela piedade da viuva del-rei D. João II, dilatou-se e propagou-se logo por todo o reino, pela diligencia do mais afortunado de nossos monarchas. [2]

Começavamos, n'essa famosa epocha, a ostentarmonos grandes, aos olhos de todas as nações, pelos nossos espantosos descobrimentos maritimos; e, por ventura, maiores lhes deviamos parecer pelos testimunhos, que lhes davamos, da virtude da philanthropia, ou beneficencia universal.

Certo que a esphera armillar, esculpida em todos os asylos da Misericordia, se nos figura mais gloriosa por enfeitar aquelles porticos da caridade, que por ser o symbolo da dominação portugueza na terra e mar.

II

Em 1501 já em Portalegre se achava estabelecida a irmandade da Misericordia, fixando a sua séde no

[1] Cardoso, *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 284. Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 227.

[2] Em carta regia dirigida por el-rei D. Manuel, em 1449, aos vereadores e fidalgos do Porto, recommenda-lhes, que instituam n'aquella cidade a irmandade da Misericordia; e n'ella declara os grandes desejos, que tem, de que sejam tambem ordenadas similhantes irmandades em todas as villas e logares mais notaveis. Vem citada esta carta no compromisso da Misericordia d'Arrifana de Sousa, elevada á categoria de cidade, com o nome de Penafiel, por carta de lei de 17 de março de 1770.

antigo templo de S. João Baptista, que pertencêra á ordem de S. Thiago de Palmella. [1]

Fundou o seu hospital em umas casas na rua da Figueira, mas tão baixas e acanhadas, que logo se viu não podia permanecer em recinto tão limitado.

Florecia n'esse tempo a confraria do Espirito Santo, em uma ermida antiquissima [2] distante da villa, a que estava annexa uma rica albergaria, na qual se agasalhavam os peregrinos.

Era o sitio ameno e sadio, desabafado e lavado dos ares por todos os lados; que ainda então o não assoberbavam os edificios que depois se fundaram, e constituem o formoso arrabalde da cidade.

Pareceu ao provedor da Misericordia, Lopo Ribeiro, que era este o mais adequado logar para estabelecer o hospital. Propoz, n'esta convicção, ao juiz e mordomos d'aquella confraria, a reunião dos dois hospitaes, obrigando-se a Misericordia a dar pousada aos peregrinos, e a alimentar e curar os enfermos pobres; e a confraria aos reparos do edificio, e ao fornecimento das roupas necessarias.

Foi acceita, como era de razão, a proposta. Entregou a confraria setenta lençoes, muitos cobertores e mantas, a casa guarnecida e concertada, e um moio de renda na herdade da Camareira. A Misericordia, além dos encargos mencionados, a que mui espontaneamente se sujeitára, deu á confraria setenta mil réis para levar a obra ao cabo. [3]

III

Largos annos se conservou Portalegre dentro de um forte cinto de muralhas, guarnecidas de doze torres capazes de artilheria. [4]

Memoraveis na historia patria, por haverem sido theatro de nossas primeiras luctas civis, e pelas guerras com os visinhos, estas fortificações, dominadas por numerosos padrastos, perderam, com a mudança da tactica, toda a importancia bellica.

As torres, tisnadas pela fuligem dos seculos, que ainda campêam magestosas sobre a casaria dealbada, são hoje apenas mudas testimunhas de antigas gentilezas. Mas, porque recordam glorias passadas, não as queremos ver arrasadas; amaldiçoaremos os que ousarem desbaptisal-as, arrancando-as do solo em que as encravaram homens de outras eras.

A povoação, que se encerrava na antiga praça de guerra, rompeu, com o andar do tempo, os limites que a circumscreviam; foram-se construindo varias ruas parallelas ás muralhas, e, a final, quando já escaceava o espaço, estendeu-se para o sitio onde se estabelecêra o hospital, ficando-lhe a cavalleiro alguns edificios.

Diminuiu a salubridade d'este estabelecimento com tal visinhança, mórmente com a do lago que se formou na sua proximidade, quando se erigiu a fabrica real. Ficou, desde então, banhado por uma corrente perenne de agua, que sáe d'aquelle vasto reservatorio, o qual, por mofina, raras vezes se limpa, deixando-se n'elle accumular uma massa enorme de vegetaes putrefactos, cujas emanações, na estação calmosa, viciam a atmosphera que envolve o hospital.

Com serem já tão desfavoraveis estas condições de salubridade em 1826, houve, ainda assim, quem aconselhasse o bispo D. José Valerio, a que na ampliação d'este estabelecimento gastasse doze mil cruzados!

Consta da seguinte inscripção, que se acha gravada em um marmore sobre o portico da entrada:

JOSEPHUS EPISCOPUS PORTALEGRENSIS
ALMÆ DOMUS JAM ANTEA P. PRÆFECTUS
IN LXXVII ÆTATIS AN. PONT. VERO XXVIII
HOC ÆDIFICIUM ADANGERI
PROPRIIS EXPENSIS CURAVIT.
ANNO DOMINI MDCCCXXVI.

E, ao presente, pertende-se gastar outra somma avultada na construcção de uma nova enfermaria!!

Erros são estes imperdoaveis perante a sciencia, que reprova a permanencia do hospital em sitio tão insalubre. Trate-se com verdadeiro empenho de o transferir para o extincto convento de S. Francisco, que, além de feliz exposição, reune tantas vantagens hygienicas, que já em 1797, á conta d'ellas, foi escolhido para séde de um hospital militar. [1]

E se não podér conseguir-se a transferencia, o que muito será para lamentar, capitalise-se a quantia que tão desarrazoadamente se projecta desbaratar, e vão-se creando outros meios, que, para o futuro, habilitem a Misericordia a fundar novo hospital em logar saudavel.

R. DE GUSMÃO.

O FRADINHO DA MÃO FURADA

NOVELLA DIABOLICA

(Conclusão. Vid. pag. 58)

VI

Depois de jantar, Peralta saíu da pousada, e foi caminhando em quanto durou a pendencia do lobo. Chegando ao sitio de valle de Cebola, lhe saíram quatro salteadores com clavinas, pistolas, bigodeiras e carapuças, um dos quaes disse a Peralta que largasse logo a bolsa que trazia.

Respondeu-lhe elle cortezmente, que algum aperto de grande necessidade devia obrigar suas mercês áquelle excesso, pelo que de boa vontade a offerecia, pesando-lhe muito ser tão limitada, pois não passava de quatro mil réis, dos quaes suas mercês fossem servidos deixar-lhes tres tostões para o gasto de Aldêa-Gallega, o que sería grande favor para elle. Ao que lhe foi respondido, depois de entregar a bolsa, que estava um companheiro muito mal vestido, por isso tratasse de despir o que trazia, se não quizesse arriscar a vida.

Não deixou Peralta, vendo tal rigor, de ter algum estimulo para arriscar a vida na resistencia; mas ponderando a desegualdade do partido, e a vantagem das armas, o julgou por temeridade. Largando os calções e ferragoulo, lhe pediu se contentassem com aquillo, e o deixassem em ceroulas com a roupeta, e com a sua espada, pelo privilegio de soldado que era, havia mais de vinte annos em Flandres.

A isto, um dos salteadores, com a clavina assestada, lhe disse:

— Que se contentasse com a camisa e ceroulas por honestidade, e com a espada por insignia de soldado, e que do mais se despojasse com muita pressa.

Peralta começou a despir a roupeta e o gibão em que trazia os cruzados bem cosidos, isto com grande mágoa de seu coração, pelos haver promettido para as obras do convento onde se queria recolher; se bem que por outra parte considerava, que dinheiro do diabo não podia deixar de ter similhante fim, e que

[1] Constam estas particularidades de um *Traslado dos Estatutos antigos da confraria do Espirito Santo*, auctorisados por despacho do dr. Antonio Luiz Peleja de 24 de maio de 1695.

[2] João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* (publicado em 1749), 4.ª parte, pag. 216, ainda numéra Portalegre entre as praças de guerra, dizendo: «Tem doze torres em egual distancia capazes de artilheria. No anno de 1704 a rendeu Filippe V; mas brevemente a largou.» Das doze torres apenas hoje restam tres!

[3] Brandão, *Monarq. Lusit.*, part. 5.ª, liv XVII. cap. LIV.

[4] Ao abrir-se os fundamentos d'esta ermida, achou-se n'elles o precioso cippo romano, de que falla D. fr. Amador Arraiz nos seus *Dialogos*, tom. I, *Dial*, IV, cap. VIII. Ha sido transcripta, incorrectamente, a inscripção que n'elle se lê, por varios AA; em outro logar a daremos genuina.

[6] *Jornal de Coimbra*, num. XXII. pag. 149.

sem elle lhe ficava mais facil o poder-se apartar da sua companhia.

Começavam já os salteadores a enfardelhar os despojos de Peralta, quando ouviram um tropel de cavallaria, e uma voz que adiante vinha dizendo:

— Dêem-se á prisão, ladrões, da parte del-rei; cérca, prende, prende, e os que resistirem morram!

Largando o fardel, se aligeiraram todos para melhor correr, e pozeram os pés em polvorosa, imaginando que havia sido industria da justiça mandar sósinho Peralta adiante, para lhes saírem ao caminho, e dar com elles divertidos no que roubavam.

— Assim devia ser, disse um da companhia ao outro que ia fugindo, mas a vossa ambição é a causa d'isto, que se vos contentáreis com os quatro mil réis, poderiamos já estar no Japão, sem nos vermos agora n'este perigo, pois se não tivermos azas nos pés, como tem Mercurio, não sei por que meio nos havemos de livrar d'elles. Bem certo é, *que quien todo lo quiere todo lo pierde*.

Peralta, entendendo que era a justiça que tinha deixado nas Silveiras, e levava o preso a Lisboa, não cessava de dar graças ao ceo, que a havia trazido alli a tão bom tempo.

N'esta consideração estava Peralta, vestindo-se muito de pressa, quando chegou a elle o diabinho, que nos Pégões tinha ficado feito lobo, e lhe disse:

— Que fôra de ti, companheiro, e com que cabedal entrarias em Lisboa, se eu te não soccoresse com a avenida que fantasticamente fingi? E não me deves pouco n'ella para a minha natureza, em antepôr a tua commodidade á d'aquelles salteadores, occasionando-lhes temores da supposta justiça, do que elles escarmentados podem mudar de vida, coisa tanto contra a minha obrigação. Mas já te disse, que não sei que secreto impulso me obriga a fazer por ti similhantes finezas.

Peralta respondeu, admirado do successo, que agradecia a vontade que lhe mostrava. E com isto proseguiram á jornada, fazendo o diabinho pelo caminho das suas travessuras.

Chegaram a Aldêa-Gallega antes do sol posto, e disse o diabinho a seu companheiro:

— Que se agasalhasse na pousada que lhe parecesse, porque n'aquella noite não podia assistir-lhe, pois tinha muito que fazer com os barqueiros d'aquella terra, que eram já peiores do que elle, e se lhe tinham levantado com a jurisdicção, de maneira que n'aquelle logar não corria a praga de *leve-te o diabo*, mas a de *leve-te um barqueiro*. Que elle, como fiscal generalissimo do inferno, não havia de soffrer tal, mas castigal-os como mereciam; que se contentassem com serem blasfemos, piratas, enganadores, e o *non plus ultra* de todas as maldades, sem quererem tambem usurpar as offertas que se costumavam fazer aos espiritos malignos, crime de lesa-magestade contra seu dominio.

Sorrindo-se Peralta do que o diabinho dissera dos barqueiros, lhe respondeu:

— Que lhe agradecia o deixal-o descançar aquella noite, sem que assistisse na pousada em que estava, pelo não inquietar.

Com isto se apartou d'elle, accommodando-se no que melhor lhe pareceu, e o diabinho se foi ao caes entender com os barqueiros.

Estava Peralta á janella do seu cubiculo, quando viu chegar o religioso que tinha deixado nas Vendas Novas. Desceu abaixo a pedir-lhe quizesse ficar com elle aquella noite. O religioso escusava-se, dizendo:

— Que como havia de assistir alli tambem o diabinho, não queria participar da sua inquietação, como lhe acontecêra nas Vendas Novas.

Ao que tornou Peralta:

— Que bem podia sua paternidade fazer-lhe a mercê que lhe pedia, porque n'aquella noite não vinha o diabinho, que assim lh'o promettêra, em razão de ter muito que fazer durante ella com os barqueiros, pois n'elles achára fórma do seu pé.

Respondeu o religioso:

— Supposto que o diabinho vos não ha de assistir, sou contente de me agasalhar comvosco.

Apeou-se o religioso, deu Peralta ordem ao agasalho da mula, e subiram para um aposento, onde, assentados, referiu Peralta ao religioso tudo o que o diabinho fizera nos Pégões, e de como o livrára dos bandoleiros que lhe saíram em valle de Cebola, de que o religioso se benzia muitas vezes.

N'esta e outras praticas espirituaes, que o religioso fez a Peralta sobre os enganos do demonio, e sobre a vida de religioso, gastára o tempo até serem horas de cear, o que fizeram esplendidamente por conta de Peralta, que não quiz consentir gastasse o religioso coisa alguma. Edificado de suas exhortações e conselhos, resoluto em acceitar a milicia espiritual, tanto que se acabou a ceia, começou Peralta a descoser da roupeta o dinheiro em oiro que n'ella tinha cosido, e do qual, como tinha dito, fazia esmola ao convento onde havia de professar. Pediu muito ao religioso o quizesse receber, porque na sua mão estavam mais seguros, para o caso que o diabinho, irritado de elle deixar a sua companhia, lh'os quizesse tomar, pois com sua paternidade se não haviá de atrever, assim pelo respeito de sacerdote, como de sua virtude e do habito que trazia, visto que, só de ouvir dizer aos hospedes de Vendas Novas, que haviam de chamar a sua paternidade para benzer a casa, ficou tremendo, e o fizera levantar antemanhã para saírem pela porta fóra, com medo de sua reverencia.

O religioso duvidava receber o dinheiro, não tanto por ser do diabo, como porque a sua regra não permittia leval-o comsigo. Todavia, obrigado das persuasões de Peralta, e do seu bom termo, reconhecendo os desejos que n'elle via de se consagrar a Deus, disse-lhe:

— Que lançasse o dinheiro no alforge, e que não se apartasse mais da sua companhia, que elle, com exorcismos efficazes o livraria de tudo quanto o demonio lhe quizesse urdir.

Ficou Peralta muito contente, promettendo que assim o faria, e com isto se recolheram a repousar.

O diabinho, tanto que se apartou de Peralta, foi passear no caes, esperando pelos barcos que viessem de Lisboa. Chegou um, á vela e remo, por tomar a dianteira a outro, e occupar o caes primeiro. O arraes do que ficava atraz, quando chegou, vendo que não tinha logar para descarregar, disse ao arraes do primeiro:

— Que desatravessasse o barco, e o virasse de prôa para o caes, que assim caberiam todos.

Respondeu o do outro:

— Que tivesse paciencia, que elle tinha chegado primeiro, e que primeiro havia descarregar.

O do segundo replicou:

— Que se elle entendêra, que por lhe fazer aquelle áinte se tinha adiantado, mettêra os remos na agua, e molhára o panno, que não havia de ser o seu barco o primeiro que chegassse, antes o deixaria a perder de vista.

E sobre deixára e não deixára, afaste o barco, não hei de afastar, e outras razões que d'aqui se travaram, tudo fomentado pelo diabinho, se enfureceu entre elles uma cruel bulha, chovendo votos e arrenegos, de sorte que durou largo espaço, com a ajuda de outros barcos e bateiras que chegaram, cujos donos se dividiram em favor de uma e outra parte, até que, depois de muito escalavrados, chegou a justiça da terra, e os metteu em paz.

Ao estrondo e gritaria do «aqui del-rei» que ia no

caes, se levantou Peralta, foi á janella do seu cubiculo, e vendo o que se passava, disse ao religioso:

— Vossa paternidade ouve o terremoto que o meu companheiro tem feito entre os barqueiros, que parece se acaba o mundo?

— Sim, oiço, respondeu o religioso, e aqui me estou encommendando a Deus, e pedindo-lhe interiormente nos deixe passar o rio, e nos livre d'elle.

— Assim o espero na bondade divina, replicou Peralta, por oração de vossa paternidade e intercessão do serafico padre S. Francisco, que eu a todo o risco o não hei de consentir mais em minha companhia, valendo-me vossa paternidade para a defesa.

Já queria amanhecer, e repontava a maré, quando os barqueiros que da pendencia tinham ficado para poder seguir viagem n'aquelle dia, acudiram ás suas barcas; e como n'ellas iam alguns apaixonados por uma e outra parte, tornaram á vacca fria da passada bulha; porque o diabinho, para os acirrar, tinha desamarrado as velas dos barcos, posto os lemes fóra do seu logar, as fatexas levantadas, os remos fincados no lodo; de sorte que, se houvera mais agua, poderiam os barcos, sem dono, navegar para onde o vento os levasse. Pelo que um dos barqueiros, que presumia de grande capataz, entendendo que aquella travessura devia ser feita, sobre acinte, por algum do contrario rancho, affirmava, com grandes juramentos, que se elle viesse a saber quem tal fizera, a mais pequena posta que d'elle havia de ficar, havia de ser a orelha. Outro do bando contrario, que tambem julgava o mesmo, com sagrados votos e revotos promettia executar egual vingança. O fradinho da mão furada, que andava entre elles mexendo tudo para incital-os, dizia que era muito mal feito, sendo todos companheiros, fazerem acintes, podendo haver paz entre uns e outros. Do quê estimulado o que fallára primeiro, disse:

— Que aquellas patifarias eram de covardes, fracos e desvergonhados, que por se não atreverem ás pessoas se vingavam n'aquillo.

Ao que replicou o segundo:

— Que o mesmo affirmava elle, e o sustentaria em toda a parte, havendo quem o quizesse contradizer; acrescentando: eu não temo nem devo; e tanto se me dá estar aqui como em Londres, que em toda a parte se come pão.

— Pois eu, respondeu o primeiro, não morro de atabafado, nem deixo passar carros por cima de mim, que tenho mais de arrojado que de soffrido. Esses remoques de você trazem agua no bico. Para que são palavras onde podem ter logar as obras? Aqui estou, chegue-se para cá, e veremos qual vae de lá...

E logo começaram a tomar as varas para se sacudirem com ellas. Saíram os tios, mulheres e filhos, com bramidos e vozes de *aqui del-rei! tem mão! não dês! olha que te leva o diabo!* Era tal a algazarra que ninguem se entendia; mas como n'aquella occasião, por ter amanhecido, vinha já muita gente para embarcar, não deixaram ir por diante a pendencia, conseguindo mettel-os em paz, pedindo-lhes se aquietassem, para que se não dissesse, que n'uma terra onde todos eram tios e parentes, havia taes dissensões e discordias.

N'este tempo, saindo Peralta da pousada, em companhia do religioso, para embarcarem, achou á porta um pobre com duas moletas, fingindo-se aleijado de uma perna que trazia encolhida, e muito entrapada; o vestido todo cheio de remendos, o qual pedia uma esmola a Peralta, com grandes lastimas e rogos. Indo-lh'a a dar, o diabinho, que estava esperando, lhe disse:

— Que não fizesse tal, porque aquelle homem era o mais perverso e desalmado que tinha o mundo, como logo veria. E virando-se para o pobre, lhe disse: «Maior esmola do que a que pedes te quero eu fazer, e será dar-te por esse vestido que trazes tão roto e remendado, outro novo que te cubra as carnes e te defenda do frio, pois me lastima vêr-te com esse tão desagasalhado.

Attonito estava Peralta, e o religioso não menos, de verem a offerta do diabinho, esperando em que havia de parar similhante proposta, quando o pobre respondeu:

— Que Nosso Senhor lhe pagasse a vontade com que, tão compadecido, lhe offerecia aquella caridade; mas que a troca lh'a não acceitava, pois com o que trazia esfarrapado e roto, ainda que fosse á conta da sua descommodidade, provocava mais a compaixão para lhe darem esmola.

— Pois, velhaco, lhe disse o diabinho, *a mi que las viendo me quieres engañar?* Cuidas que mamo no dedo? Não sabes que te conheço pelo mais facinoroso pirata que saltêa estradas, onde já executaste tantas mortes e latrocinios, e agora com a carta de seguro do teu fingido aleijão, e d'esses remendos, thesouro de trezentos dobrões que n'elles trazes cosidos, vens roubar as esmolas dos verdadeiros necessitados?

Ficou o pobre tão sobresaltado, e tão fóra de si, ouvindo as verdades que o diabinho lhe disse, que não teve outra coisa que responder senão:

— Senhores, se é tal, levem-me todos os diabos, ou todos os barqueiros, que são peiores que elles!

— Ora já que assim é, disse o diabinho, em quanto se não lança mão da tua palavra, vou eu dar recado á justiça, e ella averiguará esta questão.

Apenas o diabinho acabou de pronunciar estas palavras, fingindo que ia dar recado á justiça, o pobre, sarando repentinamente da aleijada perna, fugiu que parecia vento, podendo dar muito que invejar á ligeireza de Atlante.

O diabinho, que já tinha penetrado as reliquias que Peralta trazia ao pescoço, dadas pelo frade, com o intento de o repellirem d'elle pela sua virtude; temeroso, além d'isto, de que o religioso o descompozesse com algumas notificações e exorcismos, não quiz deixar aquelle passarinho, o pobre, que tinha na mão, pelo soldado que ia voando com azas que lhe davam os referidos privilegios; e assim, despedindo-se de Peralta, com a promessa de que algum dia se veriam, desappareceu, seguindo o pobre.

Ausente o fradinho da mão furada, ficou o religioso admirado de ver qual era a natureza do demonio, pois até aos que mais se deixavam enganar por elle, atormentava e perseguia na vida, como se viu no exemplo do pobre, e nas differenças que arguira entre os barqueiros, de quem publicava tantas maldades.

Peralta não cessava de dar graças a Deus por se ver com remedio para seu intento, e livre de tão infernal companheiro.

Embarcaram finalmente, e em quanto durou a viagem, fez o religioso, que era homem douto, um sermão aos passageiros sobre os ardís e enganos do demonio, recontando-lhes a prudencia com que André Peralta se não deixára vencer d'elles, e exhortando aos barqueiros fossem bons christãos, pois o diabo publicava que eram peiores que elle mesmo, e com inveja d'isso andára a noite passada entre elles, mettendo zizanias para que se espancassem e ferissem, ficando em mortal odio. Todos, envergonhados, se benziam muitas vezes, edificados das exhortações do religioso.

Acabada a viagem, que foi muito boa, assim que desembarcaram, se foi Peralta com o religioso caminho do convento de Xabregas, onde ao outro dia se lhe lançou o habito de S. Francisco, que elle recebeu com grande edificação e alegria.

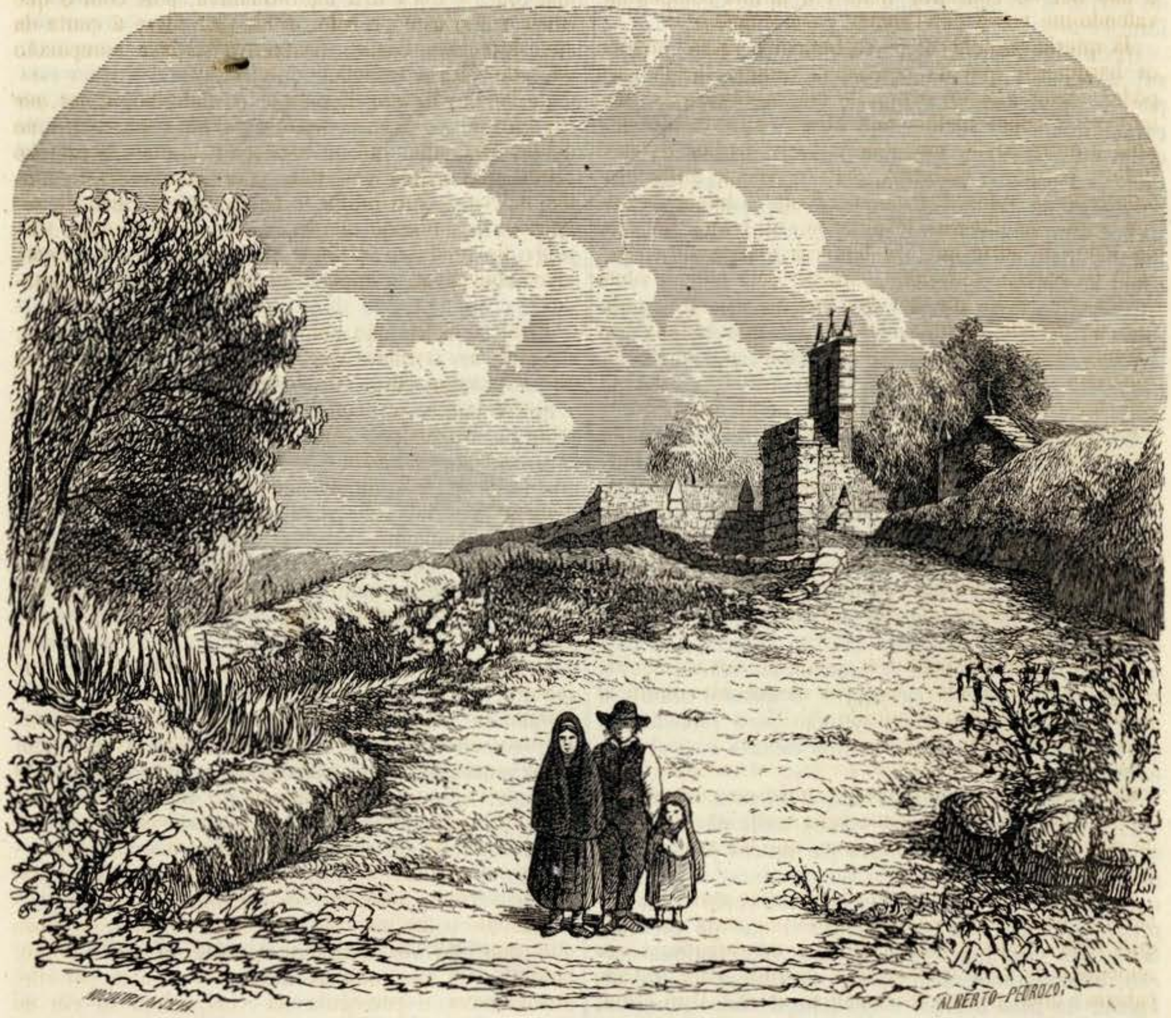
EGREJA DO CASTELLO DE MONTALEGRE

Da antiguidade d'este castello dissemos já a pag. 38 do corrente vol. o que se sabia ao certo, pela inscripção do tempo de D. Affonso IV, que transcrevemos então.

D. Jeronymo Contador de Argote, nas *Memorias de Braga*, t. II, pag. 500, diz o seguinte:

«No castello da villa de Montalegre se vêem quatro torres quadradas, e de pedra lavrada com grande primor e arte. D'estas torres, a principal, que é altissima, dizem as noticias que vieram de Braga, que se presume ser obra dos romanos; e outro sim um poço notavel que ha no mesmo castello.»

Este antiquario, porém, é de pouca auctoridade, e como d'esta fortificação apenas falla por informações de quem presume e não prova, nenhuma luz ministra



Egreja do Castello de Montalegre — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes

para se aclararem as trevas em que se occulta a origem d'este castello.

O Padre Antonio de Carvalho, na *Chorographia Portugueza*, impressa em 1706, escreve:

«Tem (Portalegre) um castello de fabrica antiga, em que no tempo da guerra (com a Hespanha), e alguns annos depois da paz, houve governador, com presidio de infanteria, que agora não tem.»

A nossa estampa representa as ruinas d'esse castello, dentro do qual se vê a egreja parochial, que tem a invocação de Santa Maria.

Sendo esta villa a mais notavel povoação das terras de Barroso, de que já temos tratado nos antecedentes numeros, não é descabido, para completarmos a noticia d'este singular paiz, juntarmos-lhe agora a descripção da visita pastoral que alli fez o santo arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, em 1564, tal como nol-a conta fr. Luiz de Sousa na *Vida* que escreve d'aquelle veneravel prelado.

É leitura de muita edificação e exemplo para excitar o zêlo pastoral do clero, e de grande regalo para os que amam a boa linguagem portugueza.

«No limite das Alturas, que com muita razão possue tal nome pela eminencia que tem sobre todas as mais serras de Barroso, ha largueza e descampado, e muitas terras lavradias e fructiferas, e por conseguinte abundancia de moradores com suas egrejas.

Na primeira em que o arcebispo entrou, como tinham já recado os freguezes, que sempre mandava diante, estavam todos juntos esperando sua vinda, que festejavam pelo estilo dos outros logares, mas com mais espanto. Porque nem os muito velhos se lembravam de ver n'aquelle logar tanta gente de cavallo junta. O mais que em muitos annos acontecia, era chegar alli um visitador, clerigo pobre e mal acompanhado, mandado pelos arcebispos, que nem taes como este achavam que se atrevessem com o trabalho d'aquellas terras.

Disse o arcebispo missa, prégou, chrismou. Choravam de prazer; uns o ouviam com as mãos levanta-

das, outros postos de joelhos, todos pasmados quando o viram em pontifical. Foi correndo outras freguezias; de todas o vinham buscar muito antes. Uns a saber quando os havia de visitar para estarem prestes e juntos. Outros acudiam em magotes só a vel-o. E não se contentavam de o verem uma vez. Iam e tornavam muitas. Elle recebia a todos com a boca cheia de riso, agasalhando-os de palavra e obra como a filhos de alma. O desamparo e pobreza que achou nas egrejas dizia bem com o que havia nas almas e doutrina. O menos era estarem mal fechadas de portas e frestas, e mal reparadas de dentro e de fóra.

Havia algumas que em tres mezes não tinham missa; a causa era que nenhum cura aturava n'ellas, por ser a vivenda intoleravel, e se alguns perseveravam, eram tão rudes como seus freguezes, que acceitavam a estancia por lhes faltar commodo em melhor sitio por sua insufficiencia. Quasi todas tão desbaratadas de ornamentos, que se não podia celebrar n'ellas sem notavel irreverencia, como elle o testimunha em uma carta que sobre a materia escreveu, como ao diante veremos.

Os calices eram quasi todos de chumbo. E quando viu tantos, começou por aqui a recolhel-os, até que livrou o arcebispado d'esta indecencia. Os mais fundiu por suas mãos, e deu traça para serem todos de prata.

Em doença grande e antiga, se o medico é sabio e amigo, não se dá pressa na cura; que males velhos hão mister tempo e espaço para obrarem os medicamentos. Assentava-se o arcebispo por aquellas penedias, entre suas ovelhas feito verdadeiro pastor; instruia muito de vagar aquelles entendimentos sylvestres, com estranha paciencia, mas com egual suavidade de espirito que o Pae de misericordias lhe communicava em obra tão pia. Não se fartava de lhes prégar e dar a entender a doutrina christã.

Logo mandava vir os pobres (e todos o eram); a uns acudia com dinheiro na mão para remediarem suas necessidades logo; a outros tomava em rol para os mandar vestir.

Nenhuma egreja de todo este districto lhe ficou por ver, e visitando-as, como visitou mais de assento e sobre mão do que costumava por outras partes, magoava-se tanto da barbaria de costumes e cegueira em que viviam, que chorava não ter vindo alli o primeiro dia que conheceu Braga. O que de presente fazia, era encommendal-os a Deus em continua oração, e pedir-lhe remedio para ceara tamanha, tão affogada de más hervas, e tão falta de bons obreiros.

Acudiu o Senhor piedoso, e offereceu-lhe traça que bem pareceu, pelo successo, inspirada do Espirito Santo. Considerou que levando d'alli os moradores que houvesse de bom geito, e fazendo-os criar domesticamente ao seu bafo, e no estudo, poderia adoçar aquelle natural montesinho e sáfaro, e sairiam taes que prestassem para curas e mestres de seus naturaes. Porque não havia dúvida que folgariam de tornar para os parentes, e para os penedos que conheciam por patria, sem medo das neves e rigores de que os estranhos fugiam.

Como o imaginou, assim o poz por obra, e assim lhe succedeu depois. Mandou logo levar muitos para a cidade, recolhel-os em uma casa e vestil-os. Deu-lhes como reitor um sacerdote, virtuoso e sisudo, que os criava em toda a modestia e virtude; iam ao estudo, comiam em refeitorio, providos e sustentados á custa do arcebispo.

Aprendiam, cresciam na edade e nas letras. Como eram bastantemente instruidos, ordenava-os em sacerdotes, provia-os nas egrejas e curatos dos seus logares. E porque não faltasse nada, vestia-os decentemente, e mandava-os contentes e honrados. Para a difficuldade que havia que vencer com estes pobres, que era a falta de patrimonio, sem o qual não podiam ser ordenados, conforme as regras dos santos canones, estava o bom prelado muito de ante mão prevenido de particular dispensação, que em Roma, com outras muitas, impetrou do papa para lhe não faltar nada no bom governo e necessidade de sua egreja, como deixámos contado.

Não é razão que se nos passe em silencio o que aconteceu ao arcebispo em um logar d'esta visitação, para acabarem de entender os que esta historia lerem, qual era a terra em tudo, e quantas as descommunidades a que este prelado se quiz sujeitar, só por não faltar um ponto em aproveitar e ajudar suas ovelhas.

Como via a necessidade que havia de doutrinar esta gente, muito de proposito, por se deter com elles, se esquecia de si. E succedeu acabar tão tarde em uma egreja, que, quando houve de passar a outra, a meio caminho, cerrou-se a noite em um despovoado e paragem tal, que com muito trabalho pôde chegar a uma pobre casa, ou cabana, em que foi forçado parar, na qual não havia mais gente que uma velha pobrissima, nem mais gasalhado, para a ceia, que uma panelinha no lar entre dois tições. Fazia-se tarde, e a provisão não vinha, que sobreveiu chuva e vento, além de ser o caminho por si agro e detençoso. Estavam todos sentidos e agastados, e mais que todos o que trazia a cargo o governo da familia, que não sabia parte de si, desconsolado pelo que via padecer ao arcebispo, e a toda a companhia. E como elle tinha feito tanto habito de mortificação, que em similhantes occasiões parecia insensivel, quando mais affligidos estavam, perguntou, com muita graça, á velha hospeda, que era o que tinha ao fogo, e se partiria com elle da sua ceia. Respondeu a pobre com a obra, por não parecer que negava; trouxe correndo uma escudella bem tisnada; entornou n'ella um pouco de caldo, que era agua tal, e algumas folhas de couve, que sem outra mistura, nem mais adubos, coziam na panela. Tomou-a o arcebispo, lançou-lhe a benção, comeu as folhas, bebeu o caldo sem pão, nem outro genero de vianda, que de tudo estava erma aquella pousada. Affirmou que nunca coisa mais saborosa comêra, e se fosse caso que a provisão não chegasse aquella noite, elle estava consolado e se dava por satisfeito.»

CURIOSO FUNERAL DA MÃE DO REI DE COCHIM

Todas as pessoas, mais ou menos lidas nas nossas coisas da India, sabem, que o samorim de Calecut tinha sobre os mais reis da costa do Malabar certa supremacia, que elles, todas as vezes que podiam, tratavam de não reconhecer, negando-lhe vassallagem, quando se julgavam assaz fortes para isso.

Suspeitando o samorim que o rei de Cranganor, com similhante intento, se alliára com o rei de Cochim, passou a Cranganor sob pretexto de assistir a uma esplendida festa religiosa, que estava para celebrar-se em um dos pagodes de maior nomeada.

Não contando com a boa vontade do rei de Cochim, julgou o de Cranganor a occasião pouco favoravel, e por isso foi receber o samorim, a quem prestou obediencia.

Livre de cuidado, por esta parte, o samorim assentou que era da sua honra ir á ilha de Repelim, para pôr a mão sobre uma pedra que alli existia desde tempos antigos, ceremonia que de alguma fórma correspondia á sagração dos reis christãos. Por este facto não haveria caimal, nem senhor de terras, que não se considerasse obrigado a obedecer-lhe.

O rei de Cochim cuidou logo em se oppor a tal

acto; porque, realisando-se, ficaria com o seu reino á mercê do samorim, que o podia conquistar com pouco trabalho, visto que nenhum dos caimaes ousaria tomar armas contra o rei de Calecut, que houvesse tocado o padrão de Repelim.

Não é nosso proposito narrar os acontecimentos da guerra de 1536 entre estes dois monarchas. Queremos só dar conta aos nossos leitores de um incidente, que se refere a costumes do Malabar, e que extrahimos da obra (parte inédita) de Gaspar Corrêa, já por vezes citada n'este semanario.

Estando no acampamento, recebeu o rei de Cochim a noticia da morte de sua mãe; e devia, segundo os seus usos, ir-lhe fazer o funeral. Assim o mandou participar ao samorim: «o qual recado (diz o nosso auctor) foi soberboso, e era escusado; porque, por suas leis, se estão em campo, e andando na batalha pelejando, lhe derem nova de sua mãe morta, ou seu principe herdeiro, n'aquella hora o filho da morta manda metter no chão um zaguncho, e acosta a elle sua espada e adarga, e se afasta com suas gentes sem mais bolir; o que vendo o contrario, que é a dita causa, tambem se afasta afóra, sem mais bolir nada até o contrario tornar; porque, se assim o não guardasse, ficava tredor ás leis, se alguma coisa bolisse, ou mandasse bolir, até seu contrario acabar as exequias da morta... E se andando assim na guerra, ainda que esteja muito longe, tambem deixar a guerra e acudir lá, em tanto ficará o campo seguro, fazendo saber ao contrario que se parte e a o que se vae.

Saiu do arraial o rei, e chegou ao seu palacio, onde já as sobrinhas da defuncta a tinham lavado e perfumado com sandalo e outros aromas. Vestida de finissimos pannos, e adereçada com todas as suas joias, foi posta em um bailéo sobre um cambolim preto, e por detraz d'ella estava uma mulher que a sustinha sentada.

Apenas o rei entrou na camara em que estava sua mãe, começou a saudal-a, como se estivera viva. Levantou as mãos juntas acima da cabeça quanto póde; baixou-as ao peito, curvando o corpo até quasi ao chão. Dando alguns passos tornou-a a saudar com as mãos juntas na testa; e caminhando mais um pouco fez outra cortezia com as mãos sobre o peito.

Cumprido este dever de piedade filial, manda sair d'aquella casa todas as pessoas, ficando sómente os regedores e as mulheres que cuidam da defuncta.

Toma então o rei uma vassoura, dirige-se a um terreiro fechado, varre-o por sua mão, e cobre-o todo de bosta de vacca. Começa a fazer uma pilha de pau de sandalo e águila, untados de oleos aromaticos; e com agua de sandalo, rosas, açafrão e camphora rega todo o terreiro, e deita sobre a lenha benjoim em pó.

Volta onde está a finada, a quem tira as joias; e, depois de vestida pelas mulheres com outros pannos, toma-a com todo o acatamento nos braços, e vae deposital-a sobre a cama de madeiras cheirosas, cobrindo-a com o cambolim, em cima do qual põe mais paus de águila e de sandalo branco e vermelho, que asperge com agua adorifera, e alli espalha algumas flores.

Então com sua mão lhe põe brazas debaixo, e se põe com o rosto para onde nasce o sol, e lhe faz suas adorações, e vae accender e soprar o fogo que accende por todas as partes, deitando-lhe elle com sua mão por cima muitos azeites cheirosos, que accendem fogo, e em mui breve espaço se faz tudo em cinza, que elle com uma vassoura ajunta ao comprido como grandura de uma cova de homem, ao que estão já pedras lavradas e cal, e vem pedreiros que sobre a cinza fazem uma sepultura de cinco degraus, á maneira de tumba, acalafetada com a cal e as aguas cheirosas; e nos degraus lhe deixam buracos em que lhe accendem candeias pequenas com os azeites cheirosos; e sobre esta sepultura logo é posta uma casa de madeira, que já para isso está feita e acertada, muito lavrada, toda de grades com sua porta; o que tudo é assim feito em mui breve espaço, e pelas grades postas candeias accesas de azeite. O filho alli está em pé até isto ser acabado.

Trazem-lhe depois arroz cozido e varias hortaliças, em dez grandes pratos ou bacias de latão, que elle toma para com ellas fazer adoração ao sol, no que se demora em quanto diz suas orações. Apresenta aquelles pratos diante da porta da sepultura, e afastando-se um pouco, bate as palmas, ao que acodem muitas gralhas, provavelmente para isto industriadas, que comem o arroz e vão beber agua a outras bacias. Acreditam piamente os malabares que a defuncta alli vem em figura de gralha, porque todas as gralhas, segundo elles crêem, são almas de mortos.

Acabado este banquete das aves, dirige-se o rei a um pateo, onde já o esperam muitos pobres, diante dos quaes vae pondo folhas de figueira, em que os regedores deitam arroz cozido com hervas e legumes.

Torna logo para junto da sepultura, senta-se no chão sem alcatifa, e entram todos os grandes da corte, que um pouco mais afastados se vão tambem sentando. Chega então o barbeiro do rei com outros muitos officiaes do mesmo officio, e dentro em pouco sua magestade, e todos os presentes, estão completamente rapados, sem exceptuar as sobrancelhas, ficando-lhes só no alto da cabeça uma guedelha muito delgada, que se torce, dando-lhe um nó.

É este o seu lucto, a que são rigorosamente obrigados todos os moradores do reino, até os meninos que tem cabello; que este é o mór dó que ha entre elles. A pessoa que se não rapar morre por isso; e morre o pae que não rapou o filho; o qual rapamento tambem fazem as mulheres parentas da morta até ao segundo grau; e os que este rapamento não fazem, perdem as fazendas para el-rei; o qual está oito dias continuos assentado n'aquelle logar, sem nunca se alevantar... e alli dorme sobre uma esteira, e não come mais que uma só vez ao dia, depois do sol posto, alli onde está, o que assim faz toda a gente grande da casa; e em todos os dias fazendo ao meio dia suas adorações, e dando o comer ás gralhas, assim como fez no primeiro dia.

E acabados os oito dias se recolhe a seu aposento, onde está outros oito dias sem o ninguem ver, e acabados então o vem ver todos os seus grandes, todos seus vassallos, e todo homem de seu reino, onde cada um lhe offerece diante dinheiro sobre uma esteira, cada um segundo tem a dignidade e fazenda; em que ha alguns que lhe dão tanto como elle gastou no enterramento da morta... o que se faz com tanto exame, que nenhuma pessoa fica em todo o reino que não pague... o que tudo se faz em trinta dias que tem de praso, nos quaes trinta dias nenhuma pessoa em todo o reino faz nenhum trabalho, que por isso morrêra, sómente os pescadores.

Concluidas todas estas formalidades, voltou o rei de Cochim ao arraial, mandando participar a sua chegada ao samorim, continuando a guerra, que por fim foi pouco feliz para o rei de Calecut.

ORNITHORINCO PARADOXAL

M. Julio Verreaux, um dos mais sabios e conscienciosos viajantes zoologistas, estudou durante quinze annos, em Tasmania, os habitos singularissimos, e ainda tão pouco conhecidos do ornithorinco. Sobre este assumpto escreveu elle uma nota importante na *Revue Zoologique* de 1848, da qual vamos traduzir alguns periodos, porque o auctor dá noticias que ainda

não foram divulgadas, e rectifica alguns erros propagados pelos seus antecessores.

O ornithorinco é um animal de estranha configuração; offerece numerosas analogias com multidão de especies, e mesmo de classes differentes. A sua organisação exterior aproximal-o-hia de algum modo da toupeira no corpo, do castor na cauda, e do ganso no bico; pela sua organisação interior assimilha-se a alguns reptís, e parece formar a transicção entre os mammiferos e as aves. Ainda que mui abundante nos diversos locaes da Tasmania, é sobre tudo commum nas margens do rio de New-Norfolk. Habita com preferencia os logares apaúlados; faz covas profundas, isto é, de uma grande extensão, chegando a trinta e cinco ou quarenta centimetros da superficie. Estas tocas contém duas ou tres aberturas, e subdividem-se ordinariamente em doze ou quinze ramificações, e muitas vezes uma d'estas aberturas communica pela parte inferior á borda d'agua, a fim de lhe facilitar a fuga em caso de risco. Não ha senão um ninho n'estas tocas composto de restos de caniços, e de outras plantas aquaticas séccas; este ninho é collocado inteiramente na extremidade mais afastada da agua, e n'um espaço tão grande que póde abrigar tres ou quatro d'estes animaes. O ornithorinco, que parece á primeira vista destinado para a vida inteiramente aquatica, é todavia um excellente escavador: em menos de dez minutos póde fazer uma cova de sessenta centimetros: para esta operação, os membros anteriores, tão desenvolvidos para a natação, fazem uma curiosa mudança, desapparecem-lhe, sem deixarem a descoberto mais que as poderosas garras, que lhe servem tambem para trepar quando trata de vencer algum obstaculo.

Nos terrenos limosos, que este animal prefere, o bico serve-lhe primeiro para perfurar a terra, depois as garras acabam a obra. O que é digno de nota, porque aproximaria o ornithorinco do castor, é que



Ornithorinco paradoxal

á medida que elle perfura, serve-se da cauda para calcar a terra, a fim de a consolidar por todos os lados.

Durante os frios do inverno, fica o ornithorinco muitos dias sem saír da toca; a gordura que tem lhe basta para supportar a fome durante este periodo.

Não é inteiramente nocturno, como por muito tempo se suppoz; quando tem filhos sae a caçar de dia na maior força do calor; mas parece ter mais vivacidade quando sobrevem a noite; então não ha vencel-o na ligeireza, quer seja n'agua, quer em terra. Ainda que, frequentando os rios, parece preferir as vasas, em que as aguas, repellidas pelas correntes, estão mais tranquillas, agrada-lhe patinhar por entre as plantas, ou mergulhar até ir procurar no lodo o seu alimento; não póde comtudo estar muito tempo sem vir respirar, para o que levanta a cabeça de quando em quando.

O nome de ornithorinco, dado por Blumembach a este animal, compõe-se de duas palavras gregas, que significam *bico de passaro;* e o epitheto *paradoxal*, que se lhe acrescenta, indica a exquisitice da sua organisação.

É com effeito uma das mais celebres producções da terra australia, ou Nova Hollanda, mundo lançado, como uma creação á parte, no vasto oceano Pacifico.

O ornithorinco é para os colonos inglezes a toupeira d'agua, appellativo popular que lhe não é dado sem razão. O seu descobrimento foi de grande maravilha para os naturalistas, e excitou entre elles grandes debates, e taes, que ainda não terminaram.

O ornithorinco, posto pelo Linneo francez, Cuvier, na ordem mais definida dos desdentados (e com effeito não tem dentes propriamente ditos), é um animal amphibio de habitos mais aquaticos que terrestres, frequentando as aguas profundas e claras dos recifes e dos rios, cujas margens são escarpadissimas, da Nova Hollanda.

Quando se estuda este animal, vê-se que a sua organisação está perfeitamente em relação com as necessidades e costumes da habitação aquatica. Gordo, quando é adulto, e do tamanho de um coelho regular, o ornithorinco tem 53 até 55 centimetros de comprimento. É coberto de um pello curto e macio, composto, como as lontras e outras especies aquaticas, de duas camadas; o pello superior é sedoso, e quando se molha estende-se, formando uma capa impermeavel sobre o inferior, que é cardaço, fino e similhante ao que se chama em chapelaria o *jar* da lebre ou do castor, sem ter a pelle da cauda escamosa, ainda que pela parte inferior seja desprovida de pello.

A parte mais singular do ornithorinco é, sem contradicção, a cabeça; em logar de terminar, como nos outros mammiferos, pelo focinho, prolonga-se n'uma especie de bico similhante ao do pato ordinario. Este bico é, como nos palmipedes, largo e comprido.

Por dentro da commissura dos labios tem umas verrugas que fazem o officio de dentes. Na raiz do bico, junto aos orificios por onde respira, tem um annel membranoso, negro e solto. A lingua é curta e espessa. Os olhos pequenos e brilhantes; os ouvidos fecham-se e abrem-se, conforme o animal está em terra, ou n'agua.

A carne d'este aquatico cheira a peixe; todavia os indigenas comem-na como se fosse vitella!

Explicação dos enigmas dos numeros 5 e 7

N. 5 — Deus depois de ter creado o mundo em seis dias descançou no setimo.

N. 7 — A loucura acarreta sobre o homem o desprezo.